

## MULTILETRAMENTOS E NEGRITUDE: POSSIBILIDADES DE INTERCÂMBIO

MULTILITERACIES AND BLACKNESS: POSSIBILITIES FOR INTERCHANGE

MULTIPLETRAMENTOS Y NEGRITUD: POSIBILIDADES DE INTERCAMBIO

João Marcos Messias Miranda<sup>1</sup>

**Manuscrito submetido em:** 8 de setembro de 2024.

**Aprovado em:** 26 de novembro de 2024.

**Publicado em:** 27 de dezembro de 2024.

### Resumo

O presente trabalho toma como foco a teorização da negritude como espaço de luta identitária, tendo como vozes conceituais os autores: Fanon, Souza, Cida Bento e Nascimento. Articulando essas vozes com a teoria dos Letramentos, busca-se refletir em que medida essa relação pode contribuir para uma análise crítica da sociedade brasileira e das relações racistas que ainda estão vinculadas às práticas e aos discursos da atualidade. Nessa linha de diálogo, busca-se criar ambiente em que possam ser valorizadas as culturas e identidades negras brasileiras, desvinculadas de uma visão meramente assistencialista, focada em uma perspectiva de empoderamento. Nessa perspectiva, existem diferentes formas de valorização da negritude, desarticuladas dos valores eurocêntricos, que podem fundamentar modos de atuação e posições sociais. Para tanto, a valorização de espaços de voz e presença negra são fundamentais para o desenvolvimento de discursos, práticas e identidades antirracista.

**Palavras-chave:** Negritude; Antirracismo; Letramento.

### Abstract

This work focuses on the theorization of *negritude* as a space for identity struggle, drawing on the conceptual voices of authors such as Fanon, Souza, Cida Bento, and Nascimento. By articulating these voices with literacy theory, the aim is to reflect on how this relationship can contribute to a critical analysis of Brazilian society and the racist relations that are still tied to current practices and discourses. In this line of dialogue, the goal is to create environments in which Brazilian black cultures and identities can be valued, disconnected from a merely assistentialist view, and focused on a perspective of empowerment. In this sense, there are different ways of valuing *negritude*, unlinked from Eurocentric values, which can underpin modes of action and social positions. To this end, the valorization of spaces for black voice and presence is essential for the development of antiracist discourses, practices, and identities.

**Keywords:** Blackness; Anti-racism; Literacy.

### Resumen

Este trabajo se enfoca en la teorización de la *negritud* como un espacio de lucha identitaria, tomando como voces conceptuales a los autores: Fanon, Souza, Cida Bento y Nascimento. Al articular estas voces con la teoría de los alfabetismos, se busca reflexionar sobre cómo esta relación puede contribuir a un análisis crítico de la sociedad brasileña y de las relaciones racistas que aún

---

<sup>1</sup> Doutorando em Linguística pela Universidade de Brasília. Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Piauí. Professor no Ensino Fundamental. Integrante do Núcleo de Pesquisa em Estudos Críticos e Linguagem.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7398-793X> Contato: [joaomarcosmessias@gmail.com](mailto:joaomarcosmessias@gmail.com)

estão vinculadas a las prácticas y discursos actuales. En esta línea de diálogo, se busca crear ambientes en los que se puedan valorar las culturas e identidades negras brasileñas, desvinculadas de una visión meramente asistencialista y centradas en una perspectiva de empoderamiento. Desde esta perspectiva, existen diferentes formas de valorización de la negritud, desarticuladas de los valores eurocéntricos, que pueden fundamentar modos de actuación y posiciones sociales. Para ello, la valorización de espacios de voz y presencia negra es fundamental para el desarrollo de discursos, prácticas e identidades antirracistas.

**Palabras clave:** Negrura; Antirracismo; Alfabetismo.

## Introdução

Ser negro no Brasil é uma relação paradoxal, na qual estão presentes, de um lado, a crença em uma igualdade racial firmada na ideia de miscigenação. Do outro lado, o racismo velado, dos sussurros preconceituosos que intrusivamente habitam os variados contextos sociais. Dessa relação surgiram alguns conceitos dos quais são largamente utilizados para justificar esse cenário, como meritocracia, condicionantes históricos e ascensão social, que revelam a prevalência de um discurso preconceituoso sobre a identidade negra.

Nesse contexto, a palavra negritude surge como possibilidade interpretativa e como posição identitária de um grupo que se propõe a ressignificar sua relação com a sociedade (Nascimento, 2019). Bem como, um contraponto ao racismo, em uma abordagem que visa valores antirracista. Assim, a negritude pode ser entendida como maneira de ser, estado ou qualidade de quem é negro; ainda, em um alargamento conceitual, um processo contrahegemônico de valorização do *ethos* negro.

O ser negro é uma marca identitária articulada, em diferentes contextos globais, com a ideia de desprestígio, miséria e violência. A razão para isso é o passado escravista que ainda repercute nas relações sociais e, principalmente, na hierarquia dos discursos compartilhados. Esses discursos, partilhados na sociedade, costumam assumir nuances evidentes (ou, no caso brasileiro sutis/camuflados), de valorização da identidade branca em detrimento da identidade negra. Nessa direção, a negritude é uma marca identitária que perpassa uma história da qual todos os negros compartilham: um passado de escravidão, subalternização, colonização, desapropriação material e cultural. Para além disso, é uma perspectiva sobre o ser negro que abre oportunidades de valorização e empoderamento.

Assim, parte-se da compreensão que esses discursos estão interseccionados<sup>2</sup> na vida social, naturalizados nos modos de dizer, nas práticas textuais. E por conseguinte, constituem conceitos coletivos ou individuais, que podem colaborar para a manutenção de valores racistas. Esses conceitos constroem um conjunto de semioses que podem ser visualizados nas diferentes manifestações humanas, e principalmente, por meio da linguagem. Na linguagem, são definidos os modos e representação, bem como as formas válidas de interação humana em dado contexto. A teoria social dos letramentos amplia essa noção ao propor que as formas de significar estão articuladas tanto ao contexto experienciado fisicamente na sociedade, nas práticas sociais, como nas intermediadas por meio das novas tecnologias, e dentro destas, pelas mídias digitais.

Para tanto, o presente trabalho toma como foco a teorização da negritude como espaço de luta identitária, tendo como vozes conceituais os autores: Fanon; Souza, Cida Bento e Nascimento. Articulando essas vozes com a teoria dos Letramentos, busca-se refletir em que medida essa relação pode contribuir para uma análise crítica da sociedade brasileira e das relações racistas que ainda vivem vinculadas às práticas e aos discursos da atualidade. Assim, tendo como objetivos: dialogar com a temática de negritude e multiletramentos; propor uma articulação teórico-prática entre negritude e letramentos; propor os caminhos possíveis para articulação entre práticas antirracistas e multiletramentos.

### **Pressuposto de uma teoria antirracista no dizer**

No decorrer dos anos 2000 os estudos sobre a pessoa negra e sua percepção sobre identidade e vivência negra são ressignificados pelas novas leituras dos estudos decoloniais, que têm seu início por meio das leituras de Fanon (2020), chegando tardiamente no Brasil por meio de Souza (2021), e mais recentemente por intermédio de Bento (2022) e Nascimento (2019). Ambos os autores discutem a negritude por meio de uma abordagem psicanalítica, pós-colonial e linguística sobre a identidade negra,

---

<sup>2</sup> Segundo Collins (2022) o cruzamento dos eixos de opressão/subalternidade.

ênfatizando os efeitos negativos advindo de uma visão sobre negritude, que são remanejados para novas formas de exclusão e nos modos discursivos de interação humanas.

Fanon evidenciou por meio de sua análise como a percepção do negro sobre si mesmo era negativa, resultado de uma interpretação branca que precarizava o *ethos* negro por meio de uma representação caricata e animalesca<sup>3</sup>. Além disso, o psicanalista demonstra como certas expressões linguísticas demarcavam a identidade de pessoa negra e pessoa branca. Nessa relação, os modos de fala francesa preconizavam uma tentativa de assumir nuances brancas, bem como uma efetivação de um dizer branco, que trariam como ganho a posse de uma identidade de prestígio. Uma percepção que ainda parece válida para alguns contextos mundiais, nos quais, a cultura europeia (agora a ocidental norte americana) vem sendo elevada à categoria de civilizada, representada pelo processo de globalização e a subordinação das culturas a único crivo.

Para Fanon (2020), a linguagem era um elemento importante para compreender como a pessoa negra existia para o outro, uma vez que dizer é sempre um dizer para o outrem. Nessa relação, segundo o autor, existem duas formas discursivas pela qual o negro se relaciona com os outros: uma relativa as interações que se dão entre os membros dos grupos negros, e outra que se dá entre o negro e o branco. É importante ressaltar que as colocações de Fanon estão direcionadas ao contexto das Antilhas francesas, no qual o psiquiatra e filósofo observou como as formas linguísticas eram demarcadoras de um modo de dicotomia racial. Conforme salienta o mesmo “falar é ser capaz de compreender determinada sintaxe, é se apossar da morfologia de uma ou outra língua, mas acima de tudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização” (Fanon, 2020, p. 31). Dessa maneira, o autor martinicano evidencia como a língua está envolta de um mecanismo de poder que subalterniza e nega a existências de outros modos de representar, enquanto traz um caráter de validável sobre quais as maneiras corretas de interações discursivas. Assim, dentro deste contexto no qual Fanon exerce sua crítica, o uso do francês pelo negro era uma forma de se tornar branco.

---

<sup>3</sup> aqui no sentido de atribuir adjetivos e características selvagens ao negro.

Ainda nessa relação, o uso do idioma francês era visto pelos antilhanos como uma oportunidade de equalização social, de realizar por meio do dizer branco uma inserção no mundo europeu. De acordo com Fanon (2020, p. 52) “o antilhano que quiser ser branco tanto mais o será quanto mais tiver assumido como seu o instrumento cultural que é a linguagem”, pode ser visto paradoxalmente que a assumir a identidade branco revela o apagamento da cultura negra e seu modo de representar-se. Assim, assumindo que o francês europeu era a forma legítima e civilizada ao passo que o idioma antilhano e a cultura negra eram ilegítimas e primitivas.

O caminho apontado por Fanon era de luta e conscientização dessas amarras, do reconhecimento dos processos de colonização/dominação a que esteve e continua sujeito o negro. Um processo marcado de lutas, primeiro, de posse de uma identidade desarticulada dos preceitos brancos. Segundo, por um caminho de valorização cultural partilhada pelos grupos negros em prol de um dizer político reivindicatório.

Mas afinal como essa análise pode ser útil para outras realidades, em especial para o caso brasileiro, uma vez que o foco de análise de Fanon era Antilhas? A resposta essa questão é evidente, basta uma rápida visita nas relações do passado e do presente entre negros e brancos para compreender as dissimetrias, negações e desapropriações culturais, tal como fez Fanon, e suas matizes ainda presentes na realidade social brasileira. Assim, é importante notar que as contribuições analíticas feitas pelo autor podem ser oportunas para instigar, no caso brasileiro, a uma minuciosa análise das relações sociais e na percepção da identidade negra na contemporaneidade e das formas discursivas pelas quais esse cenário se torna evidente.

Nessa direção, a autora Souza (2021), aplicando a mesma abordagem de Fanon, traz discussões sobre uma identidade negra brasileira que perfaz o modo de ser negro nesse contexto. Demarcando na sua análise os sentimentos de angústia e sujeição atrelado ao imaginário da pessoa negra em sua relação consigo mesma. Além disso, coloca em relevo a importância do discurso sobre si como elemento de autonomia identitária, conforme a mesma “uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo” (Souza, 2021, p.45). Assim, o aspecto discursivo se relaciona com a representação em voga no processo de tornar-se negro, diante disso, Souza (2021) preconiza o surgimento de gêneros dos conhecimentos que proporcionem um discurso negro sobre o negro, que

afaste uma visão incivilizatória e exótica nas representações negras. No contexto da atualidade, embora haja um vasto acervo de conhecimento sobre a negritude, articulado com a educação, essas referências são em muitos casos lembranças caricatas da escravidão, que não trazem uma necessária análise do passado em contraste com o presente.

Lélia Gonzalez, uma das principais autoras do feminismo negro no Brasil do século XX, contribui para essa discussão ao destacar a presença de elementos africanos na cultura brasileira, especialmente no português. Ela argumenta que isso é resultado de um processo dinâmico de “[...] adaptação, resistência, reinterpretação e criação de novas formas [...]” (González, 1988, p. 76), o que contribui para uma identidade étnica “amefricanizada” no Brasil. A pensadora também introduz o conceito de “pretuguês”, que revela a presença de uma forma de falar negra, muitas vezes marginalizada na sociedade e, especialmente, no contexto escolar. No entanto, persiste como uma forma discursiva e identitária importante.

Nesse contexto, a autora enfatiza que o negro ao se perceber negro toma como referência o legado histórico escravo, carência e a miséria relacionado à ideia de ser negro. Logo, visualiza as facetas negativas que ideologicamente introjeta no seu modo de falar, agir, de viver uma composição deflagradora de um *ethos* indigno frente ao referencial branco. Por conseguinte, toma como método o pagamento das nuances negras para, ao se aproximar das maneiras brancas, ascender socialmente. Nessa direção, aponta Sousa Santos, a ascensão social, implica para o negro, a decisiva conquista de valores e prerrogativas brancas. Essa conquista tem duas consequências, políticas e históricas: a primeira, a adesão do modelo de identidade branca, como afirma a autora;

o negro que se empenha na conquista da ascensão social paga o preço do massacre mais ou menos dramático de sua identidade. Afastando dos seus valores originais, representados fundamentalmente por meio e sua herança religiosa, o negro tomou o branco como modelo de identificação, como única possibilidade de tornar-se gente (Souza, 2021, p.46).

Dessa maneira, a ascensão social, representa revestir-se de uma posição branca, de posse de um poder econômico e político. Neste bojo, os cargos e ocupações de prestígio são os instrumentos pelos quais o negro valida sua identidade civilizada, sua identidade branca. A Segunda consequência é o esquecimento do passado escravista (como será

salientado por Bento mais diante), revelada no apagamento histórico, apagamento dos carrascos, dos senhores de escravos e finalmente no direcionamento a conclusão sintética: escravidão como resultado de circunstâncias históricas. Ao mesmo tempo, esse apagamento contribui para manutenção da antiga submissão negra, não mais firmada na violência, correntes e chicotes, mas na disseminação de crenças e valores que ratificam a dominação branca e a inferioridade negra, “e todo um dispositivo de atribuições de qualidades negativas aos negros é elaborado com o objetivo de manter espaços de participação social do negro nos mesmos limites estreitos da antiga ordem social” (Souza, 2021, p. 48). É nesse cenário que hoje já se discute termos como racismo reverso, uma falácia que demonstra uma tentativa de camuflagem, de dissimulação das identidades brancas. É, também, nessa perspectiva que o modo de fala, o pretoguês, é vista como desvio e erros na norma padrão de linguagem brasileira.

Dessa forma, essa ascensão constitui-se como uma prática social, que se revela antagonicamente no imobilismo, no permanecer parado, inerte diante do lugar comum, demarcadas por amarras ideológicas. Mas essa conquista das prerrogativas brancas não representa para o negro o fim do seu estigma, de sua marca ideológica de negro, mais um ajustamento. Um ajustamento que tem como fim a justificativa da sua participação social, em troca de uma sujeição e aceitação do status negativa do ser negro.

Cida Bento, colabora nas discussões sobre colonialismo, identidade e negritude, colocando em relevo não só traços negativos que foram associados a pessoa negra no decorrer da escravidão, como na contemporaneidade. Como as marcas que reverberam na identidade branca e sua influência na empregabilidade e empoderamento negro. A autora torna visível as relações discriminatórias que tacitamente influenciam a vida do negro no campo trabalhista. Segundo a autora, tanto a identidade negra como branca carregam em suas formas de representações traços do passado escravista, se para primeira representou a degradação e sujeição, para a segunda representa a valorização e dominação que ainda prevalecem nas relações sociais, mesmo ocultas.

A autora, utiliza o termo pacto da branquitude para demarcar as relações tácitas que polarizaram as identidades entre branco e negro. Tal perspectiva, antagoniza, enquanto qualifica uma identidade e despersonaliza outra. A autora torna perceptível por meio de sua análise as relações discriminatórias que são sustentadas por meio do discurso

de meritocracia, que relacionam o fracasso do negro como desqualificação profissional e o sucesso do branco como mérito profissional. No entanto, esse cenário é na verdade uma formação engendrada de conceitos e dissimetria, que dá ao branco o *status* de classe dominante e ao negro o *status* de submisso. Essa perspectiva vem formando quadros profissionais cada vez demarcados pelo perfil branco, contraposto a uma política de cotas profissionais pintadas de um certo teor de assistencialismo.

Nessa relação, o conceito de meritocracia “defende que cada pessoa é a única responsável por seu lugar na sociedade, seu desempenho escolar e profissional” (Bento, 2022, p.12), assim, apresenta como elo ideológico a valorização do individualismo, que tem como fio condutor a capital ideológico, dito de outra forma, posse da cultura e identidade europeia branca. Esse discurso, destaca o tom da pele como *status* válido, nesse caso, separando a identidade branca europeia como privilegiada, em detrimento das identidades negras e africanas. Dessa forma, as contingências sociais, precariedades, discriminação que são sentidos na pele de alunos e profissionais negros são ideológicas, pois são firmadas em ideais e conceitos que implica a constatação da inferioridade negra.

Nessa relação, a perspectiva histórica apenas apresenta evidências de maus tratos, sofrimento e desapropriação que o negro vivenciou o Brasil. Mas, parece ter esquecido os carrascos, tiranos de outrora, cujas marcas negativas de seu passado escravista são representadas pela consolidação do *ethos* branco. Como afirma Fanon, de forma enfática, que o negro representa nessa relação o não ser, ou ainda, a compreensão opositiva da valores brancos. Logo, a história, na forma que vem sendo usada, justifica a miséria dos grupos negros e sua sujeição, enquanto valoriza uma visão privilegiando do ser branco, que parecer articulado com os lugares de prestígio e voz na sociedade.

Nascimento (2019) utilizando as análises apresentadas por esses autores, enfatiza em perspectiva linguística o racismo, propondo que a língua quando implicada nas relações econômicas e políticas possui cor e raça. Para tanto, faz parte de um projeto social, de uma conjuntura, que de modo geral utilizam a língua como subproduto ideológico. Nessa relação, o Brasil como fruto de um projeto de colonização possui marcas de valorização de culturas brancas, mesmo que essas culturas estejam ambientadas longe do chão brasileiro. Assim, esse ideal importado de um *ethos* europeu, são remanejados nas práticas escolares, na valorização da língua culta e no policiamento do uso coloquial.

O autor enfatiza que os letramentos que são utilizados tomam como referência a cultura branca, mesmo em contextos de outras culturas, como indígenas o que prevalece é o ajustamento aos modos de leitura e escrita dominantes. O que vem provocando, segundo Nascimento, a racialização por meio da língua. Processo que pode culminar na epistemicídio, a destruição da cultura de um povo, como já foi tão demarcado na história do ocidente nos processos de conquistas. Embora esses eventos hoje tenham uma atuação mais sutil e velada, defendidos por meio de campanhas de alfabetização, tal como foi com as campanhas de 1990, a atuação e efeitos produzidos são similares: o uso do letramento dominante, desvalorização dos letramentos vernaculares, mito de ascensão social. De acordo com González (1988, p.77) “[...]o racismo estabelece uma hierarquia racial e cultural que opõe a superioridade branca ocidental à inferioridade negroaricana [...]”.

É dentro dessas perspectivas que o autor enfatiza o viés do racismo linguístico, que no caso brasileiro está efetivado no policiamento do uso coloquial, como práticas que se relaciona ao modo de falar do negro, bem como das marcas de precariedade, submissão advindas dessa identidade. Ademais, do discurso sobre raça, que enfatiza uma separação entre brancos e não brancos, separação não apenas relativa aos aspectos fenotípicos, mas de encaixe em grupos sociais antagônicos. Dessa maneira, a racionalidade sustentada na língua é coadunada pelos ditames do conceito eurocêntrico.

Esses autores, mesmo em perspectivas diferentes, enfatizam que a identidade negra é atravessada pelos conceitos, discursos e culturas que fazem parte dos diferentes âmbitos sociais. Além disso, trazem à tona os ideais de branquitude alicerçada à identidade negra. Nesse caso, preconizando que o discurso prevalecente nas relações interraciais ainda é aquele vinculado ao conceito europeu de ser humano. Mas para além disso, essas análises preconizam uma nova perspectiva linguística de valorização do negro, discurso emanado e ressignificado pelo negro. Para equacionar essa perspectiva com a teoria dos letramentos, a seguir é realizada uma breve introdução aos estudos do letramento.

### **Iniciando a conversa sobre letramentos**

Os Novos Estudos de Letramento é uma abordagem que se originou das contribuições dos teóricos de Street (2014), Barton e Hamilton (2000), que estudaram as práticas de leitura e escrita, tendo em vista os aspectos culturais e sociais em uma abordagem situada, levando em consideração, como esses conceitos diferem de sociedade para sociedade. Essa abordagem é hoje configurada em diferentes pesquisas tanto internacionais, como nacionais que partem do letramento enquanto um construto sócio-histórico e cultural. No entanto, sua compreensão não é tão aparente, pois nessa construção intervêm as concepções, atravessadas pelo contexto social de uma época. Sendo assim, esses conceitos são ressignificados e configurados a cada realidade.

Essa nova leitura sobre o que é Letramento amplia a noção de leitura e escrita, antes vistas como meras habilidades técnicas, para uma abordagem que considera o universo social como elementos constitutivos dessas práticas. Para além de equacionar o social com as práticas de letramento, essa perspectiva coloca em voga a construção sócio-histórica do letramento.

Essa perspectiva significa que as práticas de leitura e escrita fazem parte tanto da sociedade, como da história. Como parte da sociedade, o letramento corresponde a um contexto, do qual coabitam instituições que emanam valores, conceitos e ideias sobre como agir dentro de determinada estrutura social, os instrumentos linguísticos validados nas interações. Como parte da história, o letramento pertence a um tempo, um período histórico com suas próprias interpretações sobre o que é leitura e escrita. O conceito de letramento não é o mesmo dos séculos passados, cada período traz seus condicionantes e estruturas sociais que determinam o que seja leitura e escrita. Assim, escrever um bilhete já foi requerido como habilidade para ser considerado letrado.

À primeira vista, a noção de letramento defendida por Street (2014) pode trazer a ideia de neutralidade do indivíduo, como se ele fosse vítima, não podendo escapar de suas determinações. Mas ao contrário, há nessa ideia uma relação dinâmica e viva, no qual o indivíduo traz suas crenças culturais, sua percepção da realidade, sua posição para jogo de interpretação do que seja leitura e escrita, e como usá-la no seu cotidiano.

Para tanto, o letramento é compreendido como as práticas sociais de uso de leitura e escrita, por conseguinte, envolve uma atuação mediados por textos (escritos ou orais). Desta maneira, os usos do letramento são imbricados nos objetivos sociais e culturais dos

indivíduos nas suas atividades diárias (Lopes, 2016). Como desdobramento da ideia de letramento como práticas sociais surge a concepção de multiletramentos, enfatizando outras formas semióticas de leitura e escrita em articulação com ideia de diversidade cultural e novas tecnologias da comunicação.

Essa vertente, que ficou conhecida como multiletramentos, foi desenvolvida em 1996 por um grupo de pesquisadores em virtude das mudanças que vinham ocorrendo nas práticas comunicativas, em decorrência da facilitação do acesso às novas tecnologias (Rojo; Moura, 2019). Conforme os mesmos autores essas mudanças não estavam relacionadas apenas a proliferação das novas tecnologias da comunicação, mas também para uma expansão das ideias de etnia e diversidade social que ganhavam uma maior visibilidade e relevância.

Dessa forma, os multiletramentos é uma concepção que apresenta uma dupla definição, que assume tanto a diversidade cultural, como a diversidade de linguagens como elementos integrados para compreender as práticas dos participantes em virtude dos seus usos textuais e discursivos. Bem como afirma Rojo e Moura (2019, p.20) “[...] isto é, letramentos em múltiplas culturas e em múltiplas linguagens (imagens estáticas e em movimento, música, dança e gesto, linguagem verbal oral e escrita, etc.)”, revelam uma variedade de formas de produzir significados, que também se relacionam com as formas culturais de representações.

Para tanto, essa concepção pode facilmente articular-se com a ideia de negritude defendida aqui, a saber, na defesa do entendimento que existem diferentes formas de semioses. Logo, existem diferentes formas de valorização da negritude, desarticuladas dos valores eurocêntricos, que podem fundamentar modos de atuação e posições sociais. É dentro dessa abordagem que se caminha as problematizações realizadas a seguir.

### **Os multiletramentos como diversidade cultural**

Os multiletramentos propõe uma pedagogia articulada a um novo entendimento de textos e práticas, sendo assim, utiliza o termo letramentos no plural para enfatizar as múltiplas formas de comunicação e construção de sentidos (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020). Essa definição considera um duplo foco: nas culturas, dentro destas, dos conceitos

e modos de ser e estar pertencente a determinado grupo ou comunidade. E em diferentes formas semióticas relacionadas à linguagem, espalhadas para além das práticas de leitura e escrita, envolvendo o modo oral, visual; espacial; comportamental e gestual de construir significados.

Por conseguinte, a noção de multiletramento envolve reconhecer outras formas de semioses, de significados que são construídos em diferentes contextos, com ou sem a intermediação de textos escritos, tais como valorizados no contexto do ensino regular. Envolve assim, o reconhecimento de outras culturas na intermediação de significados compartilhados, em uma perspectiva que tira o foco de vieses eurocêntricos e suas máximas conceituais. Tal abordagem abre caminho para processos etnográficos de interação com outros saberes e lugares sociais, nos quais os mecanismos de letramento sejam sensíveis às formas comunitárias, fronteiriças de semioses.

Street (2014) sinaliza para essa perspectiva ao discutir sobre letramento colonial, como formas arbitrárias de subordinação de uma cultura a outra, tendo como principal meio de atuação a invalidação das formas vernaculares de leitura e escrita, principalmente as ligadas às culturas, religião e as interações comunitária. Para tanto, impondo de forma ideológica o modelo ocidental de letramento como mecanismo pelo qual uma cultura passa de um estado primitivo para a modernidade. Igualmente, Fenon (2021) sinaliza para esse viés ao apontar que uma das formas do negro ascender socialmente era adesão ao modelo cultural ocidental, fazendo uso dos meios semióticos de significar, seja por meio de comportamentos, linguagem, vestimentas e posições sociais. Nessa direção, a valorização de uma visão de letramento que articule as formas culturais de significados e sua importância para construção das identidades, neste caso da identidade negra, podem contribuir para a desmistificação da racialização (Nascimento, 2019).

Essa abordagem, pode ser usada não somente entre povos de culturas diferentes, dentro de relações internacionais, mas também em sentido mais específico em contextos nacionais, nos quais ainda persistem diferenciações pautadas em preconceitos e valores discriminatórios. No caso brasileiro, como já sinalizado por meio de Souza (2021); Bento (2022); Nascimento (2019), as relações discriminatórias estão pautadas na linguagem e nas formas semióticas centradas na cultura branca europeia, um olhar sensível sobre as

manifestações linguísticas e culturais engendradas nos processos de ressignificações dos grupos negros brasileiros pode contribuir para disseminação de princípios antirracistas e equidade social.

Nessa relação, a abordagem dos letramentos preconiza a criação de espaços nos quais as culturas sejam vistas como formas singulares de vivências, de formas de ser, sem que sejam antagônicas a um modelo tido como verdadeiro, civilizado ou moderno. Trata-se de priorizar uma visão ideológica, no reconhecimento das relações sociais e culturais que estão imersas nos modelos de letramento. Conforme Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020, p.19) “o termo multiletramentos refere-se atualmente a dois aspectos da construção de significados. O primeiro é a diversidade social, ou a variabilidade de convenções de significados em diferentes situações culturais, sociais ou domínios específicos[...]”. Além disso, como segundo os mesmos autores, essa noção preconiza significados que cruzam fronteiras nacionais, culturais e comunitárias. Dessa forma, na medida que permite uma visão desessencializada de cultura, enfatiza não dicotomizar uma cultura como civilizada versus primitivos (Rojo; Moura, 2019).

Para tanto, o multiletramento como marca da diversidade cultural, revela-se por meio da preponderância de uma visão não essencialista da cultura. Isso significa, não tomar como absoluta uma visão particular da vivência humana, mas reconhecer os vieses sociais e institucionais que favorecem uma visão em detrimento a outra. Além disso, promover uma perspectiva de não inferiorização de uma cultura, dando oportunidades de voz e empoderamento para os saberes e visões pertencentes aos âmbitos periféricos culturais, que por vezes são solapados pela tendência conceitual de marginalização de discursos não europeu.

### **Os multiletramentos como diversidades linguísticas**

Outra disposição aberta por meio da teoria dos letramentos, relaciona-se com a diversidade linguística. Essa perspectiva, parte do princípio da existência de diferentes formas de comunicação que estão relacionados à interação humana, envolve, assim, as interações orais, textuais, visuais, gestuais e multimodais que surgem na atualidade como

formas de produzir sentido socialmente. Sendo assim, as práticas de leitura e escrita não são as únicas formas pelas quais é possível significar. Bem como afirma Rojo e Moura (2019, p. 22) “[...] o que se tornam multiletramentos, isto é, letramentos em múltiplas culturas e em múltiplas linguagens[...]”. Dessa forma, enfatizando as diferentes formas pelas quais os indivíduos se relacionam por meio da linguagem, podendo ocorrer interações presenciais ou virtuais, que envolvem atuações sociais específicas.

Mas pode ser questionada a relação dessa perspectiva teórica com a temática da negritude. Nessa relação, a perspectiva de valorização das múltiplas linguagens presente na teoria dos letramentos oportuniza a construção de espaços de voz para os grupos socialmente estigmatizados, como os grupos negros, respeitando seus modos específicos de linguagem. Em uma abordagem bagniana<sup>4</sup>, trata-se de rechaçar uma visão que prioriza a comparação indevida entre o modelo idealizado de língua que se apresenta nas gramáticas normativas e os modos de falar reais das pessoas que vivem na sociedade. Que são recursos utilizados como mecanismos de racialização, de diferenciação socioeconômica cujo principal crivo é a crença em um modo de fala certo versus o errado. Assim, a abordagem dos multiletramentos apresenta-se como uma forma ideológica de pedagogia que critica uma visão meramente uniformizante da linguagem, propondo o reconhecimento de outras linguagens pelas quais é possível a construção do saber e a emergência de outras identidades sociais.

Nesse contexto, outros espaços de participação surgem, tendo diferentes formatos e práticas semióticas, que envolvem a validação de posições sociais e pertencimentos culturais. No caso brasileiro, podem ser observadas outras formas de comunicação: hip hop, pichação, grafite, capoeira etc. Como meios de representações que têm como um dos elos ideológicos a validação da identidade negra brasileira. Formas fronteiriças e marginalizadas que carregam como marcas o discurso reivindicatório e insubmisso frente a cultura europeia.

Para além desses espaços, pode ser notado outras formas de semioses que habitam terrenos não físicos, cujas principais interações são mediadas por meio de textos multimodais. Esses contextos são representados na atualidade por meio dos adjetivos de

---

<sup>4</sup> Referente ao autor Marcos Bagno e suas teorizações sobre língua e preconceito.

rápido, prático e interativo, personificados nas mídias virtuais. Esses novos espaços de interação apresentam ao mesmo tempo, grande possibilidade interativa e linguística, oportunizando o contato com outras culturas e línguas. Como podem ser espaços perigosos para disseminação de vieses preconceituosos e deflagradores de uma decadência humana em relação ao outro.

Conforme Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020, p.187) “nesse contexto, novos letramentos emergem, centrados nas possibilidades dessas novas tecnologias para expressão híbridas e multimodais”. Assim, podemos considerar como um dos terrenos das práticas sociais os âmbitos virtuais, nos quais os indivíduos assumem modos de interações particulares que envolve o uso de recursos tais como: imagens, textos, áudios, vídeos como recursos significativos para o processo interpretativo. Nesta abordagem à relação inter-raciais podem encontrar espaços de ressignificação e atuação, esses terrenos podem ser oportunos para partilha de discurso antirracista, como podem constituir um solo fértil para desrespeitos e discriminação.

Nessa direção, é possível visualizar outros modos de representação, pertencentes a contextos de movimentos sociais, sindicatos, grupos comunitários, e comunidades virtuais. Cujas práticas vernaculares relacionadas a sua atuação são articuladas as identidades e valores defendidos. Representações que tem como base semioses, nem sempre mediadas por meio da leitura e escrita, mas outras formas de linguagens, tais como acontece nas comunidades quilombolas que utilizam certas expressões próprias do seu dialeto.

### **Considerações finais: um intercâmbio possível**

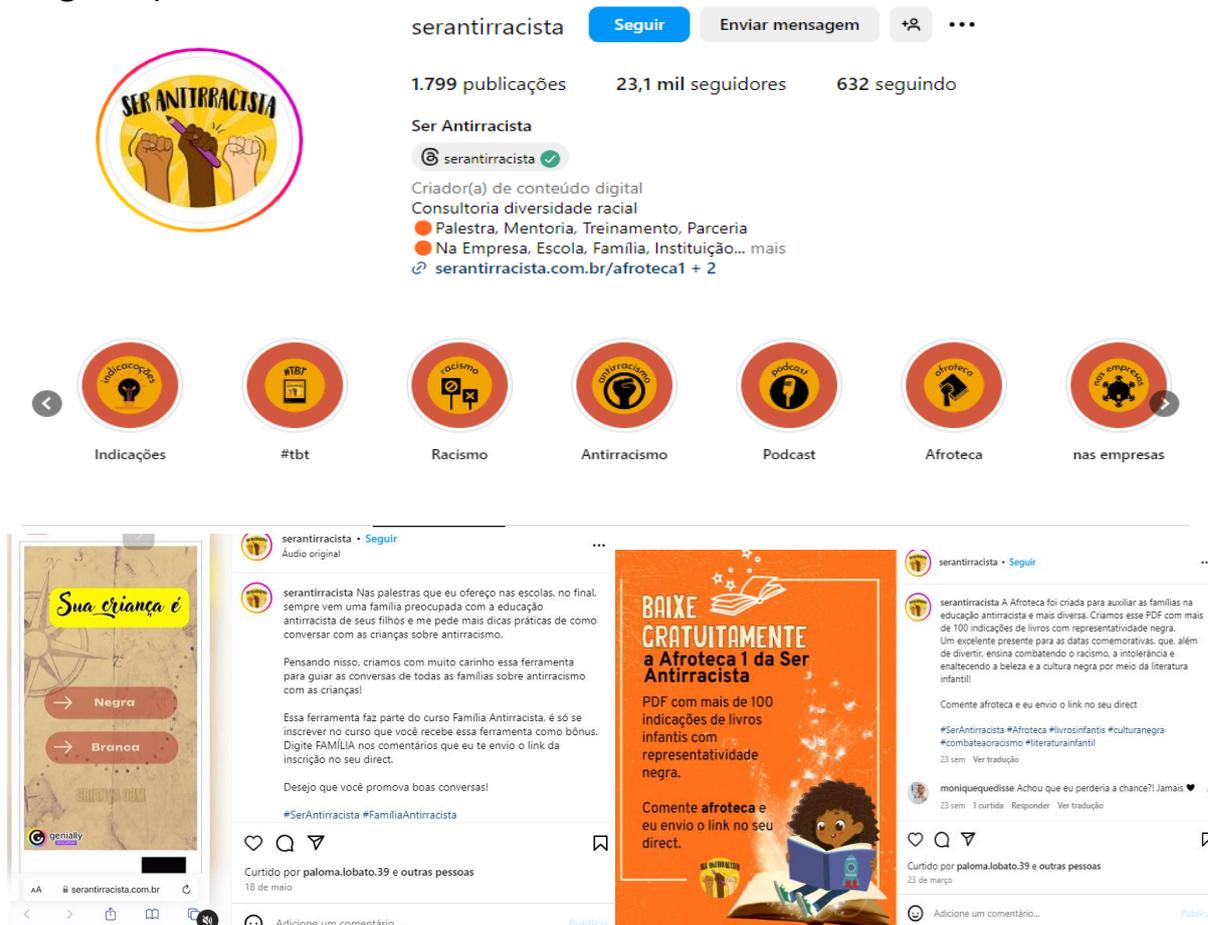
Nessa direção teórica, as possibilidades abertas pelos pensadores podem ser sistematizadas por meio do viés de construção de espaços antirracistas. Nessa linha de diálogo, de ambientes em que possam ser valorizadas as culturas e identidades negras brasileiras, desvinculada de uma visão meramente assistencialista, focada em uma perspectiva de empoderamento. Bem como enfatizava Souza (2021) possibilidades de epistemologias negras, agenciadas pelas próprias comunidades negras.

Esses caminhos podem ser visualizados por meio de exemplos de práticas de multiletramentos vistas por pesquisadores, evidenciando modos alternativos e vernaculares de significar que são colocados em usos em contextos comunitários, em processos que contribuem para o encaixe em identidades emergentes. Como afirma Kleiman (2016, p. 177) “a ampliação de sentido - letramentos, legitimidade, identidade letradas, multiletramentos - permite-nos abarcar populações negras, povos indígenas, populações camponesas, analfabetos adultos e adolescentes, jovens e alfabetizadores[...]”. Essa perspectiva é observada pela autora ao analisar o hip hop como uma manifestação que redimensiona suas identidades, ressignificando os contextos e papéis relativos ao negro. Essas vozes, agora, intermediadas por práticas particulares de significar constituem atuações de rupturas com o discurso eurocêntrico.

Nessa perspectiva, tanto a realização de pesquisas com foco em práticas de letramento marginais, ou seja, de modos de significar descredenciados pelo discurso cultural branco dominante, tanto as práticas de articulação da educação com as vernaculares podem contribuir para visualizar outras formas de participação e atuação negras. Essas práticas visam sinalizar para uma metodologia decolonial, objetivando mudanças nos vieses conceituais relativos à negritude e ao distanciamento de conceitos negativos articulados a viver negro. De acordo com Bento (2022), uma perspectiva que evidencie tanto as características negativas do passado branco escravocrata, como as possibilidades de superação da dicotomia branco-não-branco.

Outro espaço que abre possibilidade de superação dos velhos conceitos atribuídos a pessoa negra, pode ser visto nos usos dos meios midiáticos. Nesse contexto, reconhecendo que as mídias digitais são hoje importantes meios de interação, e de modos de significar pertencentes às manifestações humanas, torna-se relevante uma análise desses âmbitos nas relações antirracistas. Infelizmente esse terreno tem se constituído em um labirinto de crenças e desrespeitos humanos. Mas, dentro de uma perspectiva antirracista podem ser um terreno para a disseminação de cultura de combate de preconceitos e vieses estigmatizante sobre a identidade negra. As mídias podem ser aliadas para disseminação de discursos contra hegemônicos de valorização de culturas negras brasileiras, essas práticas podem constituir formas letramentos antirracistas. Alguns exemplos são citados a seguir:

Imagem 1: perfil ser antirracista



Fonte: <https://www.instagram.com/serantirracista/>

Englobando práticas que envolvem: palestras, lives, produção de infográficos, e a indicação de literatura infantil, o perfil “ser antirracista” corporifica práticas de letramento antirracista, priorizando a perspectiva de aconselhamento familiar e a educação infantil. Essas práticas estão direcionadas para o desenvolvimento de discursos antirracista e a valorização da identidade negra. Conforme pode se observar há o desenvolvimento de diferentes semioses relativas às temáticas de valorização da pessoa e de combate ao racismo, bem como o uso de multiletramentos: visuais, escritos, audiovisuais, que contribuem para produzir novos sentidos relativos a essa temática. Outro perfil, apresentado a seguir, apresenta outras práticas atreladas ao recurso multimidiáticos:

Imagem 2: Pra Preto Ler



Fonte: [https://www.instagram.com/p/C-lstbaJPWr/?utm\\_source=ig\\_embed&ig\\_rid=3b2043dd-4b61-4cda-ad06-88c20a609a2b&img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/C-lstbaJPWr/?utm_source=ig_embed&ig_rid=3b2043dd-4b61-4cda-ad06-88c20a609a2b&img_index=1)

Tendo como foco as questões raciais ligadas aos aspectos psicológicos: solidão, saúde mental da população negra em espaços de trabalho e impactos do racismo no psicológico. O objetivo é auxiliar a comunidade negra a exercitar o autoconhecimento emocional, dessa maneira, contribuindo para saúde mental e identidades negras saudáveis. As práticas de letramento estão organizadas em torno de lançamentos de livros, lives e infográficos que favorecem discussões e articulações entre as questões raciais, psicológicas e representatividade. Dessa maneira, como afirma Kalantzis, Cope e Pinheiro

(2020) os multiletramentos criam espaços de novas semioses, novos conceitos e práticas relativas aos ambientes virtuais, nessa relação, proporcionam novas formas de ser apoiados em discursos antirracista.

No campo educacional, a emergência de um direcionamento ao desenvolvimento de um ensino pautado em uma perspectiva antirracista pode contribuir para uma real democratização do ensino público. Além disso, para formação de uma comunidade social mais consciente das relações raciais presente no contexto brasileiro e das falácias que podem resultar de um discurso centrado em uma visão unívoca branca. Para tanto, a valorização de espaços de voz e presença negra são fundamentais para o desenvolvimento de discursos, práticas e identidades antirracista.

## Referências

BARTON, D.; HAMILTON, M. La Literacidad entendida como práctica social. In: ZAVALA, V.; NIÑOMURCIA, M.; AMES, P. **Escritura y sociedad: nuevas perspectivas teóricas y etnográficas**. Lima: Red para el desarrollo de las ciencias sociales en el Perú, p. 109-139, 2004.

BENTO, C. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2022.

COLLINS, P. H. A. **Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teórica crítica**. São Paulo: Boitempo, 2022.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

GONZALÉZ, L. A categoria política-cultural da amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, n.92-93, p.69-82, 1988.

KALANTZIS, M.; COPE, B.; PINHEIRO, P. **Letramentos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

KLEIMAN, A. B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995. Coleção Letramento, Educação e Sociedade.

LOPES, I. A. Letramento e alfabetização. In: SATO, D. T. B.; BATISTA JÚNIOR, J. R. L.; SANTOS, R. C. R. (Orgs.). **Ler, escrever, agir e transformar: uma introdução aos novos estudos do letramento**. Recife: Pipa Comunicação, 2016.

NASCIMENTO, G. **Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

ROJO, R.; MOURA, E. **Letramentos, mídias, linguagens**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

STREET, B. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.